



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ - DO BRADO POPULISTA À RETÓRICA DO ÓDIO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DA EXTREMA DIREITA NO AMBIENTE DIGITAL

Dossier presentation – From the populist shout to hate rhetoric: discursive strategies of the extreme right in the digital world

Débora Souza de Britto¹

Rafael Monteiro²

Rebecca Botelho Portela de Melo³

Nos últimos anos, assistimos (e, em alguma medida, reagimos) à ascensão da extrema direita na esfera pública, tanto em âmbito global quanto nacional. No Brasil, acompanhamos a eclosão de movimentos como aqueles contrários à chamada “ideologia de gênero” e ao “escola sem partido”, expressões dessa forma de pensamento que, embora tenham ganhado maior visibilidade e força desde a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, vem se estruturando no tecido social desde a redemocratização brasileira. No período posterior à Constituição de 1988, já se podia perceber o fortalecimento de grupos que buscavam se contrapor a uma suposta hegemonia cultural de esquerda, sobretudo nas universidades. Uma esquerda dita marxista, gramsciana, que não estaria dando espaço a outras formas de pensamento.

Atualmente, até mesmo os conceitos estão em constante disputa, o que torna a tarefa dos

¹ Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo realizado intercâmbio acadêmico em Ciência Política na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. E-mail: dsb.debora@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9205-6330>.

² Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Doutorado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro com período sanduíche na Universidade Paris 8 - Vincenne Saint-Denis. É professor assistente do departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuando nas disciplinas de prática de ensino de História. É coordenador do projeto de pesquisa “Carta-Imagem: uma cartografia de experiências imagéticas” e do projeto de extensão “Redes da História: letramentos histórico-digitais”. É membro do Grupo de Pesquisa Interinstitucional do CNPQ Oficinas de História. E-mail: rmocintra@uefs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1887-1501>.

³ Universidade Federal de Pernambuco. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, tendo realizando um estágio doutoral no Centre d'Analyse et de Recherche Interdisciplinaire sur les Médias, vinculado à Université Paris-Panthéon-Assas (Paris II). Mestre em Sociologia também pelo PPGS/UFPE, é formada em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco com dupla titulação em Sociologia pela Universität Hamburg (Hamburgo-Alemanha). E-mail: rebeccaportelamelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9533-2379>.

analistas ainda mais necessária, apesar de complexa. Parte da literatura contemporânea (ver Chaloub; Perlatto, 2016; Rocha, 2021) tem buscado distinguir o cerne ideológico da extrema direita — notadamente o liberalismo e o conservadorismo — de suas formulações clássicas, empregando o prefixo *neo* para demarcar tais diferenças. Isso ocorre porque, diferente da leitura mais clássica destes conceitos, o que se observa no contexto brasileiro é uma espécie de *frankenstein* conceitual: indivíduos se identificam como liberais no campo econômico e, ao mesmo tempo, conservadores no que tange os “costumes”. Diante disso, resta aos analistas caracterizar a *neo direita* brasileira enquanto neoliberal e neoconservadora.

Ao longo dos anos, alguns pensadores de direita encontraram terreno fértil no subterrâneo da cultura política brasileira, como Olavo de Carvalho, que se apresentava como alternativa segura e detentora de um arcabouço teórico que as instituições de ensino estariam, deliberadamente, negando a apresentar. Instalaram-se, portanto, os preâmbulos do pânico moral que se agudizou nos últimos anos. Portadores de uma técnica que João César de Castro Rocha (2019) denominou “prosa olavista”, tais grupos engendraram uma forma peculiar de construção discursiva, cuja técnica pode ser facilmente mapeada. Diferente dos “discursos de ódio”, a chamada “retórica do ódio” mobiliza elementos como a emoção e a supressão da possibilidade de discordância e diálogo, além de verbos que produzem efeitos sensíveis na realidade: varrer, quebrar, eliminar, apagar. Como afirma Rocha (2019, p. 75), “a prosa de Olavo de Carvalho manipula com esperteza uma gama de artifícios que, ao suprimir as mediações entre os pontos discutidos, inviabiliza o pensamento, demandando somente a adesão irrestrita à palavra oracular”.

Ideias fundamentadas em ideólogos celebrados pela extrema direita, como o supracitado brasileiro, “reorganizam o ambiente epistêmico em torno de uma fronteira amigo-inimigo”, conforme coloca Letícia Cesarino ao discutir a pós-verdade e a crise no sistema (Cesarino, 2022, p. 242). Essa conjuntura levou ao enfraquecimento dos intermediários autorizados, como se percebeu durante a crise sanitária da COVID-19, quando informações oficiais de autoridades da saúde disputaram espaço com incontáveis notícias falsas, ampliando a atmosfera de incerteza e levando indivíduos a adotar procedimentos sem respaldo científico.

Diante desse cenário, observamos a fragilização das estruturas epistêmicas vigentes, resultando na instalação de um verdadeiro caos cognitivo na esfera pública brasileira, que atinge diferentes instituições - das redes sociais às escolas e seus professores. Nesse contexto, tais grupos frequentemente manipulam significantes antes mobilizados por setores progressistas, conferindo-lhes novos sentidos. Trata-se, portanto, de uma disputa pela memória, pelo passado e, conseqüentemente, pela própria realidade, à medida que tais produções discursivas atacam diretamente determinados grupos e setores da sociedade. A linguagem, campo essencial dessa

disputa, constitui, conforme Bakhtin (1995), um objeto fundamental de análise das interações sociais, dos processos de subjetivação e das construções identitárias que a atravessam.

Um dos pioneiros na Análise Crítica do Discurso, Norman Fairclough (2001), ampara-se no conceito de hegemonia de Gramsci (1978; 1987) ao destacar o discurso como “modo de prática política e ideológica”. Segundo o autor, “o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder (...), e o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (Fairclough, 2001, p. 94). Para Fraga e Ramires (2014), o discurso é o meio pelo qual a ideologia alcança sua eficácia máxima, mobilizando afetos que podem se converter em ações concretas. A ação ideológica não se restringe à retórica, pois “se confere às palavras não só um sentido, mas também um poder: poder de persuasão, de convocatória, de consagração, de estigmatização” (Haidar, 2000 *apud* Fraga; Ramires, 2014). Na política, o discurso permeia e sustenta as relações entre figuras públicas - políticos, lideranças, intelectuais, ativistas, comunicadores - e seu público. Mesmo quando as promessas não se realizam, o brado do ódio tem produzido os efeitos desejados.

Ao observarmos o documentário *O Brasil entre armas e livros*, produzido pela empresa Brasil Paralelo, notamos que seu objetivo latente não é negar a História da Ditadura Militar, mas apresentar uma outra narrativa: aquela que, supostamente, universidades e professores não estariam contando. Nesse sentido, é flagrante a mobilização estratégica das emoções no projeto da extrema direita brasileira, sustentado pelo “medo” de uma suposta ameaça comunista. Além disso, as redes sociais digitais foram amplamente cooptadas por esses grupos, que aprenderam a explorar os algoritmos para difundir as narrativas que desejavam consolidar. Assim, desenvolveram estratégias discursivas eficazes para produzir sentidos e mobilizar emoções, alcançando resultados eleitorais expressivos.

Pautada pela complexa conjuntura sociopolítica contemporânea e pelas novas formas de fazer política, a proposta deste dossiê se debruça sobre as dinâmicas e estratégias da extrema direita a partir de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo os campos da Sociologia, História e Comunicação. Pesquisas recentes indicam que a extrema direita tem se destacado na corrida pelo domínio do ambiente digital, alcançando vitórias eleitorais significativas em diversos países. A antropóloga Letícia Cesarino chama atenção para o papel central das redes virtuais na atualidade. Nesse novo contexto, ocorre uma inflexão fundamental no fluxo de produção de conteúdos: os indivíduos passam a ser não apenas receptores, mas também produtores de informação. Segundo Cesarino (2021, p. 232),

as novas mídias inflexionam essa tendência na direção do conteúdo gerado pelos usuários, que passam de coadjuvantes ocasionais a protagonistas (...) abrindo uma

nova camada de realidade separada daquela propiciada pelas mídias que ainda se orientam pela lógica do sistema de peritos.

Essa mudança estrutural das mídias digitais têm transformado profundamente a esfera pública, permitindo que conteúdos desvinculados da realidade factual produzam efeitos concretos na vida social. Essa conjuntura tornou-se evidente com a eleição do termo *fake news* como palavra do ano em 2017 pelo dicionário *Collins*, simbolizando a centralidade do fenômeno da desinformação. Durante a pandemia da COVID-19 e em processos eleitorais recentes, o termo foi amplamente associado à produção, difusão e consumo de informações sem compromisso com a realidade. Nesse ambiente, a extrema direita tem encontrado terreno fértil para sua expansão. Um relatório recente do Instituto Igarapé sobre as eleições presidenciais de 2022 confirmou a força do engajamento de perfis de extrema direita nas redes sociais, em comparação com a atuação de perfis de esquerda.

Diante disso, compreendendo que a emergência e popularização de novos ambientes de socialização trazem consigo novas dinâmicas de atuação política, este dossiê reúne seis trabalhos que investigam e dialogam sobre as estratégias discursivas, ideológicas e populistas da extrema direita, buscando compreender as múltiplas formas pelas quais esse grupo se engaja na chamada “guerra cultural”.

Abrindo o dossiê, o artigo *Autoritarismo, afetos e democracia: dos contemporâneos para um clássico*, de autoria de Rafael Santos, estabelece um importante diálogo teórico entre autores contemporâneos e a obra de Durkheim, oferecendo uma contribuição relevante ao propor caminhos de análise, categorias e métodos para compreender as formas das “gramáticas afetivas” no ambiente digital.

Em *Crise Orgânica, Governo Bolsonaro e o Negacionismo Científico*, Kleiton Nogueira e Gonzalo Rojas mergulham no *corpus* formado por conteúdos difundidos no Youtube do ex-presidente e pela análise de diversos documentos e apresentam sete categorias discursivas. Os autores relacionam o contexto de crise vivida no Brasil com a força das mídias digitais para a consolidação do negacionismo científico na esfera pública.

O artigo de Rebecca Portela Melo analisa criticamente a trajetória midiática de Olavo de Carvalho, expoente da extrema-direita brasileira. A autora destaca que embora tenha alcançado certa visibilidade na mídia hegemônica, iniciou suas ações midiáticas muito antes de se tornar autor best-seller. Nesse sentido, analisa como fez uso pioneiro de ferramentas midiáticas emergentes para difundir sua ideologia, em diferentes tempos, investigando com atenção os veículos que idealizou e criou.

O quarto artigo intitulado *Deus, Algoritmo e Conflito Político*, de autoria de Roberto

Pinheiro, examina o uso do Instagram por deputados federais evangélicos de diferentes espectros políticos como instrumento de mobilização e disputa simbólica no contexto da chamada “guerra cultural”. A análise das postagens busca compreender como esses parlamentares articulam religião, política e comunicação digital para reforçar identidades ideológicas e engajar seus públicos nas redes sociais.

Patrícia Santos e Ariella Moreira tomam como objeto influenciadores digitais da extrema-direita para investigar a mobilização de aspectos da personalidade autoritária, mais notadamente a ênfase nas instituições familiares e religiosas, que são articuladas enquanto ferramentas propagandísticas. As autoras destacam o papel dos influenciadores na disseminação de um estilo de vida que se coloca como aspiracional para as massas, destacando o caráter moralista e conservador dos seus discursos.

O dossiê se encerra com a contribuição de Guilherme da Silva Pereira, que investiga o Movimento Legendários para refletir sobre as intersecções entre autoritarismo digital, masculinidades conservadoras e discurso religioso no contexto brasileiro. A partir de sua análise, o autor evidencia como a instrumentalização da religião e de valores moralistas desempenha um papel central na construção de narrativas que legitimam diferentes formas de violência, fazendo das mídias digitais um “púlpito virtual” através do qual se mobilizam os afetos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CESARINO, Letícia. *Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos*: uma explicação cibernética. Ilha, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. Revista Insight Inteligência, jan-mar, p.25-41. 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio*: crônicas de um Brasil pós-político. Caminhos. 2021.

Licença e Direitos:

Apresentação do dossiê – Do brado populista à retórica do ódio: estratégias discursivas da extrema direita no ambiente digital, direitos autorais de Débora Souza de Britto, Rafael Monteiro e Rebecca Botelho Portela de Melo, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

